

## **Livro-reportagem – “Sou de Lugar Nenhum”: O consumo do crack, a identidade do usuário e as políticas públicas de enfrentamento desse problema social<sup>1</sup>.**

Dayse Aguiar<sup>2</sup>

Indhiara Souza<sup>3</sup>

Lucas Simões<sup>4</sup>

Eustáquio Trindade (Orientador)<sup>5</sup>

Centro Universitário Newton Paiva

### **RESUMO**

Este livro-reportagem nasceu da ideia de mostrar o rosto e o depoimento de diversos e desconhecidos personagens que nutrem o vício pelo crack – a droga ilícita considerada mais barata e de efeito mais devastador para o usuário e seu círculo social, segundo especialistas. A falta de políticas públicas básicas e específicas para o tratamento e entendimento desse usuário – e do próprio ciclo de consumo da droga – nos levou a buscar questionamentos de como o poder público, a sociedade e os próprios usuários se comportam nesse cenário de alto risco e preocupação social. Além disso, depoimentos, opiniões, visões, histórias de vida e interpretações de usuários e ex-usuários de crack nos ajudaram a compor um trabalho voltado para o lado humano de personagens e informações que buscaram jogar uma nova luz sobre o vício do crack.

**Palavras-chaves:** crack, política pública, livro-reportagem, objetividade, subjetividade, fabulação, técnicas de entrevista.

### **1 – INTRODUÇÃO**

O livro “Sou de lugar nenhum” busca, através de um texto literário e jornalístico, narrar histórias de usuários e ex-usuários de crack em Belo Horizonte, procurando as facetas do consumidor dessa droga, considerado o pior entorpecente químico pelo próprio Governo Federal, no que se refere ao seu poder de devastação social. Desde o início, o maior desafio foi elaborar um trabalho de relevância social. Especificamente porque a proposta não é solucionar o problema e, sim, questionar e abrir espaço para um debate que possa envolver cidadãos públicos, usuários da droga e o poder público.

Apesar de ter entrado na capital mineira há mais de 30 anos, só recentemente o crack passou a ser considerado uma epidemia pela imprensa, opinião pública e também pelo Governo Federal, que confirmou, em 2005, um número total de 1 milhão de brasileiros viciados na droga – dado contestado pela Organização Mundial de Saúde

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Interpretativo.

<sup>2</sup> Aluna graduada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

<sup>3</sup> Aluna graduada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

<sup>4</sup> Aluno líder do grupo e graduado no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. E-mail: trinetto.prof@newtonpaiva.br.

(OMS), que estima existirem cerca de 6 milhões de usuários de crack espalhados em todo o território nacional.

A partir dos depoimentos, produzimos o livro reportagem, buscando uma nova luz sobre o estrago social provocado pelo crack, através dos dramas, sentimentos, inquietudes e questionamentos a respeito das políticas públicas oferecidas pelo Estado de Minas Gerais. Aqui, o tratamento de saúde pública para dependentes de crack anda a passos vagarosos. De acordo com informações da Secretaria Anti-Drogas do Estado, Minas possui apenas seis unidades de tratamento que atuam na área médica, psicológica, psíquica e social – duas delas localizada em Belo Horizonte.

Mesmo diante desse cenário, o Governo Federal e a OMS, os dois principais órgãos responsáveis pelo debate do problema no país, admitem ainda não terem conhecimento da extensão do estrago social causado pelo crack hoje. Estimativas não oficiais contabilizam cerca de 144 mil usuários desse entorpecente apenas em na capital mineira – dado não confirmado pelo Governo de Minas Gerais, mas que aposta em um número até superior.

Frente a isso, para compor o livro trabalhamos com os conceitos jornalísticos de objetividade e subjetividade do repórter ao lidar com sentimentos, estatísticas e discursos antagônicos ao mesmo tempo. Dessa forma, exploramos o conceito de jornalismo investigativo e técnicas de entrevista para retratar os personagens em uma composição mais específica e detalhada. Recorremos também ao conceito fabulação para conseguirmos enxergar o lugar do usuário e ex-usuário da droga, clareando a visão a cerca do espaço em que ele vive para evitar julgamentos a seu respeito. O jornalismo analítico nos ajudou a fugir de apenas noticiar o fato, expor os acontecimentos, sem propor uma reflexão e levar o leitor a questionar e pensar a respeito das realidades que narramos.

## **2 – OBJETIVO**

O objetivo do livro-reportagem é apresentar ao leitor um retrato íntimo e específico de usuários e ex-usuários de crack que ainda são submetidos a visões superficiais e nem sempre coerentes com a realidade social da droga – um mal que atinge desde doutores da classe média alta até mendigos embaixo dos viadutos dos grandes centros urbanos. A escolha de contar histórias de forma literária visa chegar mais perto do lado humano de personagens que questionam o lugar onde vivem e as relações sociais que foram dominadas pelo vício na droga.

## **3 – JUSTIFICATIVA**

A escolha de contar histórias de usuários e ex-usuários de crack coube melhor em um projeto de livro-reportagem porque quisemos expor a dificuldade de uma reunião de estatísticas precisas sobre o crack, paralelamente aos sentimentos que vão além de imagens ou dos próprios depoimentos dos personagens. A escrita jornalística e a literatura tiveram a proposta de expor os entrevistados e suas expressões em forma de composição textual poética e interpretação jornalística.

O livro também nos permite maior experimentação nas técnicas de entrevista e é capaz de sustentar a ideia de subjetividade, presente na narrativa do repórter, e essencial

para a construção das histórias – já que lidamos com imagens humanizadas e reflexivas dos personagens e da situação em que eles estão inseridos, além de ser um formato que nos permite maior profundidade no tema.

Durante a narrativa, utilizamos trechos de músicas que fazem conexões com as histórias e reflexões expostas no livro. Esta foi uma espécie de liberdade poética para ilustrar sentimentos expressos nos personagens do livro – apesar deles serem narrados de forma essencialmente jornalística, ainda que com liberdade literária.

Segundo Edvaldo Lima, considerado o ponto de vista físico, material, o livro-reportagem é apenas um veículo de comunicação jornalística não periódica (LIMA, 2004, p. 38). Entretanto, pode apresentar informações mais profundas, detalhadas, ideias e análises que ajudam a sociedade a refletir melhor sobre determinada questão. Consideramos o livro-reportagem como parte do jornalismo em que é possível situar o leitor em um espaço de tempo definido, sob uma ótica analítica.

Não procuramos simplesmente julgamentos antagônicos que cheguem mais perto da verdade ou de diversas versões de um mesmo fato. Permitimo-nos estar de ouvidos abertos para que usuários e ex-usuários de crack contem suas histórias, medos, alegrias, e suas impressões sobre o que é o mundo do crack. O livro reportagem foi, então, o suporte que mais se adequou aos nossos objetivos.

#### **4 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A nossa postura em relação aos entrevistados se dividiu em duas categorias. A primeira é a dos usuários e ex-usuários de drogas. Estávamos na casa deles, no território deles, logo, precisamos nos comportar de um jeito que não os intimidasse ou nos fizesse parecer superiores. As entrevistas foram tranquilas, tratadas como conversas, para que o entrevistado tivesse liberdade e para ganharmos a confiança deles. Demoramos mais de uma hora para concluir cada entrevista com esses personagens. Entretanto, as longas conversas renderam declarações de impacto, histórias marcantes e desabafos enriquecedores.

Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, idéias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2004, p. 38).

Com as fontes oficiais nosso comportamento foi um pouco diferente. Ao entrevistarmos fontes da secretaria de política antidrogas, do Centro Mineiro de Toxicomania (CMT), psicólogos, psiquiatras, diretores de clínicas, antropólogos, políticos, especialistas em droga, precisamos pesquisar e elaborar perguntas que fossem direto ao assunto, mas que não induzissem a respostas curtas e resumidas em “sim” e “não”. Por termos menos tempo com esses entrevistados, essa estratégia foi importante

para realizar entrevistas pessoalmente com um resultado rico, opinativo e reflexivo por parte das fontes.

## **5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

O livro “Sou de Lugar Nenhum” tem um total de 168 páginas e impressão inicial de quatro exemplares – apenas uma amostragem enquanto estudamos patrocínios para publicação e outras alternativas como a Lei de Incentivo à Cultura. A publicação tem um tamanho de 14x21cm, em papel A5, composto em papel couchê brilho (miolo) e couchê fosco (capa), todo em preto e branco.

## **6 – CONSIDERAÇÕES**

A proposta de lançar um olhar crítico, analítico e, sobretudo, humano sobre usuários de crack e suas respectivas condições sociais se deu a partir de um trabalho complexo e desafiador. O processo de apuração da reportagem esbarrou na falta de informações precisas sobre a condição de vida, formas de tratamento específicas e até mesmo o número certo de pessoas dependentes desta droga no Brasil atualmente. Além disso, encontramos discursos vazios por parte do poder público, que não possui conhecimento suficiente para lidar com o problema social nem mesmo uma perspectiva de futuro para entender melhor o crack – um entorpecente de forte impacto na desconstrução de laços afetivos, familiares e sociais.

Frente à falta de informação – tida como princípio básico do jornalismo para compor uma reportagem – e diante à necessidade de elucidar um problema grave, buscamos esmiuçar as histórias, opiniões, ponderações e até mesmo incoerências do discurso dos usuários e ex-usuários de crack, para compor reflexões e detalhes que ajudassem a revelar um pouco mais o perfil e o cenário que estão inseridos esses usuários.

Durante as entrevistas, nos deparamos em uma relação delicada e de contínua transformação com usuários de drogas que nem sempre se mostraram dispostos a compartilhar informações e histórias claras, com cronologia confusa e opiniões fundamentadas com o mínimo de embasamento confiável. Mais uma vez, a falta de informação dos próprios usuários serviu para chamar a atenção e questionar o poder público para a necessidade de um entendimento melhor dos dependentes em crack.

#### 4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 139 p.
- BRETAS, Beatriz. **Interações Cotidianas**. In GUIMARÃES, César (Org.).
- CARVALHO, Esaú A. **Técnicas de comunicação – Jornalismo**. Brasília: Senado Federal, 1977, 117 p.
- DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. São Paulo: Ed. Senac, 1998. 197 p.
- DELEUZE, Gilles. **Imagem-Tempo**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2005, 344 p.
- FERREIRA, Alevi. **Desvirtualizar a imagem: biopolítica, fabulação, dissenso e vídeo**, Rio de Janeiro, 2010, 185 p.
- FRANÇA, Vera (Org.). **Na mídia, na rua**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 29-42
- FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: 7 Letras, 2005. 125p.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. 2. ed. Porto Alegre: Ortiz, 1989. 230 p.
- LEAL, BRUNO. **Saber das narrativas: narrar**. In GUIMARÃES, César (Org.);
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3. ed. rev. e atual Barueri (SP): Manole, 2004. 371 p.
- MANUAL de redação: Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001. 392 p.
- MENDONÇA, Carla Maria Camargos. **Tensões de um corpo comum: alguns apontamentos sobre subjetividade, o ordinário e a moda**. 2007 Disponível em <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/documenta12magazines/archives/001043.php>> Acesso em 23 ago. 2011.
- PEREIRA, Mirna Feitoza. **A exatidão no jornalismo à luz da condição semiótica da linguagem**. São Paulo: Galáxia. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1314/1084>> Acesso em 23 ago. 2011
- VENTURA, João Carlos; FERRAZ, Lucas; RABELO, Mateus, AMORIM, Décio Amorim . **Histórias da Loucura**. Belo Horizonte, 2006.